

ana holck

portfolio

índice | *index*

trabalhos | works

bastidor | *backstage* | 2010

sala A contemporanea | centro cultural banco do brasil | rio de janeiro

splash | 2010

lugar algum | sesc pinheiros | são paulo

desvio | *shift* | 2010

lugar algum | sesc pinheiros | são paulo

conviva | *guest* | 2010

os amigos da gravura | museu da chácara do céu | rio de janeiro

excertos | *excerpts* | 2010

os amigos da gravura | museu da chácara do céu | rio de janeiro

sem título | *untitled* | 2010

o lugar da linha | paço das artes | são paulo

contra muro | *counter-wall* | 2009

trilhas do desejo: rumos artes visuais 2008/2009 | instituto itaú cultural | são paulo

rotatória | *rotary* | 2008-2003

nova arte nova | centro cultural banco do brasil | rio de janeiro

da série canteiro de obras | *from the construction site series* | 2006

temporada de projetos 2005-2006 | paço das artes | são paulo

pontes | *bridges* | 2006

elevados | *elevated* | 2005

paço imperial | rio de janeiro

curriculum

artigos de jornal e resenhas | *newspaper articles and reviews*

bastidor | *backstage* | 2010

sala A contemporanea | centro cultural banco do brasil | rio de janeiro

**policarbonato alveolar e blocos de concreto hexagonal
*alveolar polycarbonate and concrete pavement blocks***







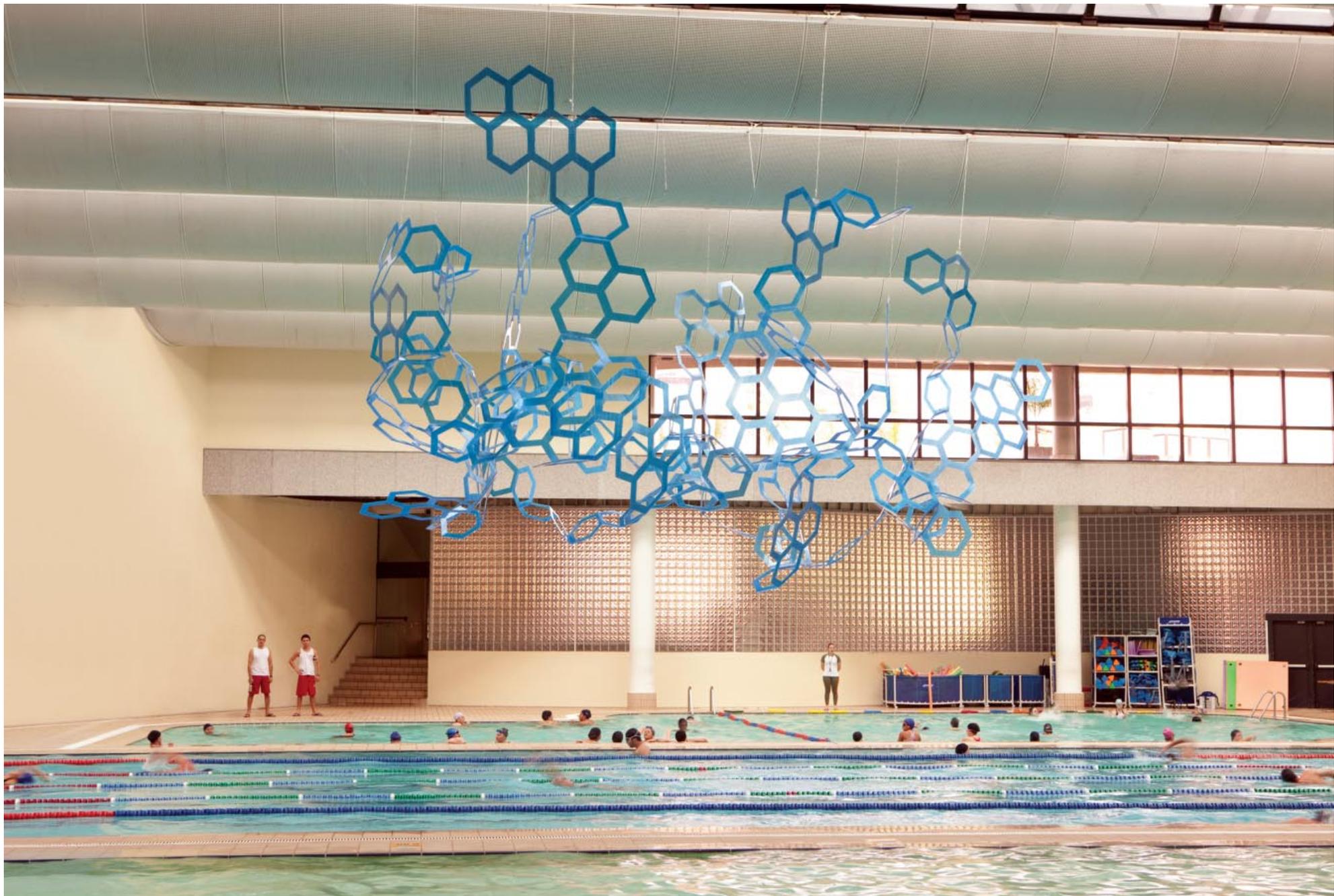


splash | 2010

lugar algum | sesc pinheiros | são paulo

policarbonato alveolar
alveolar polycarbonate

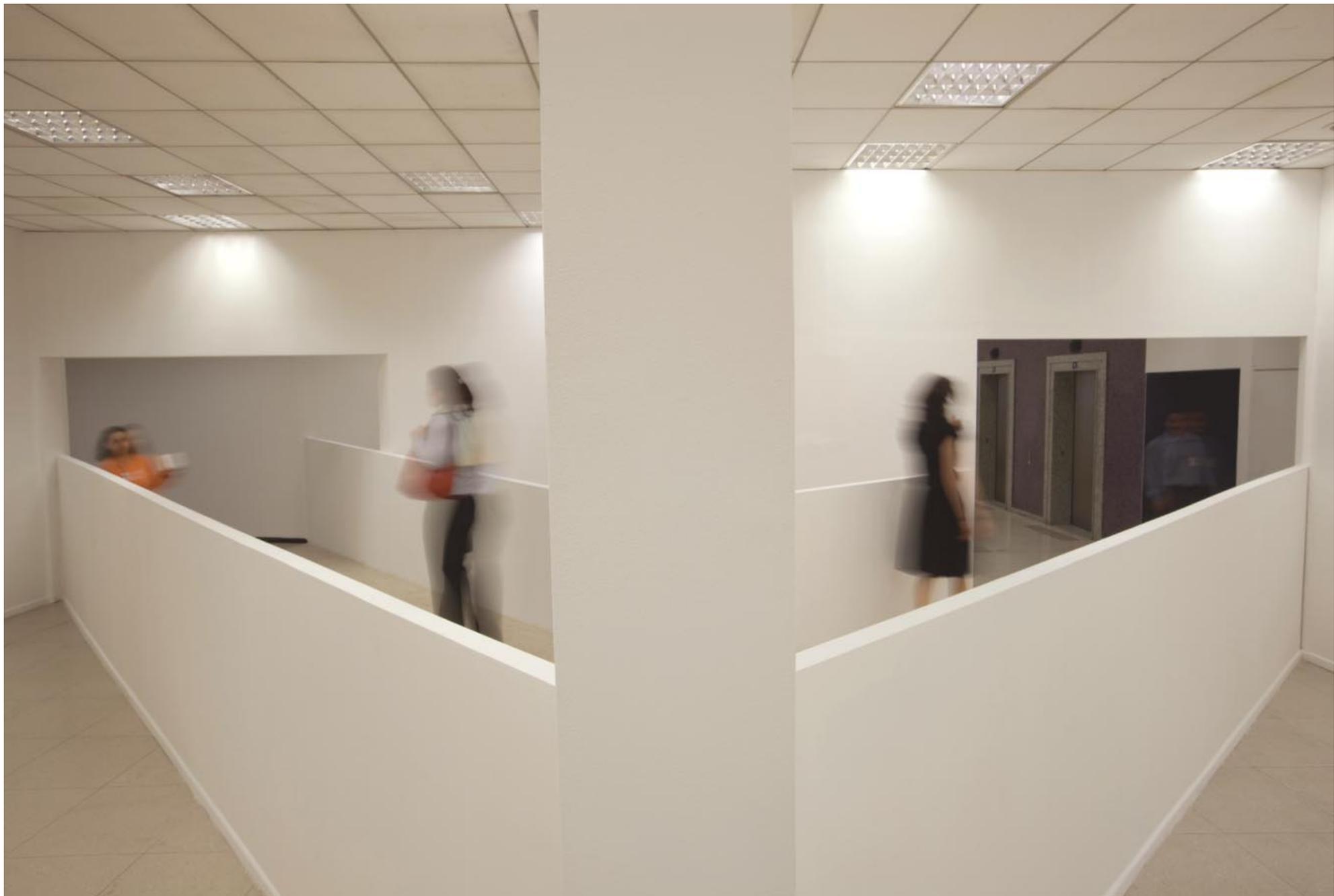




desvio | *shift* | 2010

lugar algum | sesc pinheiros | são paulo

rampa em compensado, painéis em mdf e piso emborrachado
plywood ramp, mdf pannels and rubber pavement





conviva | *guest* | 2010

os amigos da gravura | museu da chácara do céu | rio de janeiro

policarbonato alveolar e objetos do acervo dos museus castro maya
alveolar polycarbonate and objects from the collection of the museum





excertos | excerpts | 2010

os amigos da gravura | museu da chácara do céu | rio de janeiro

policarbonato alveolar e objetos do acervo dos museus castro maya
alveolar polycarbonate and objects from the collection of the museum





sem título | *untitled* | 2010

o lugar da linha | paço das artes | são paulo

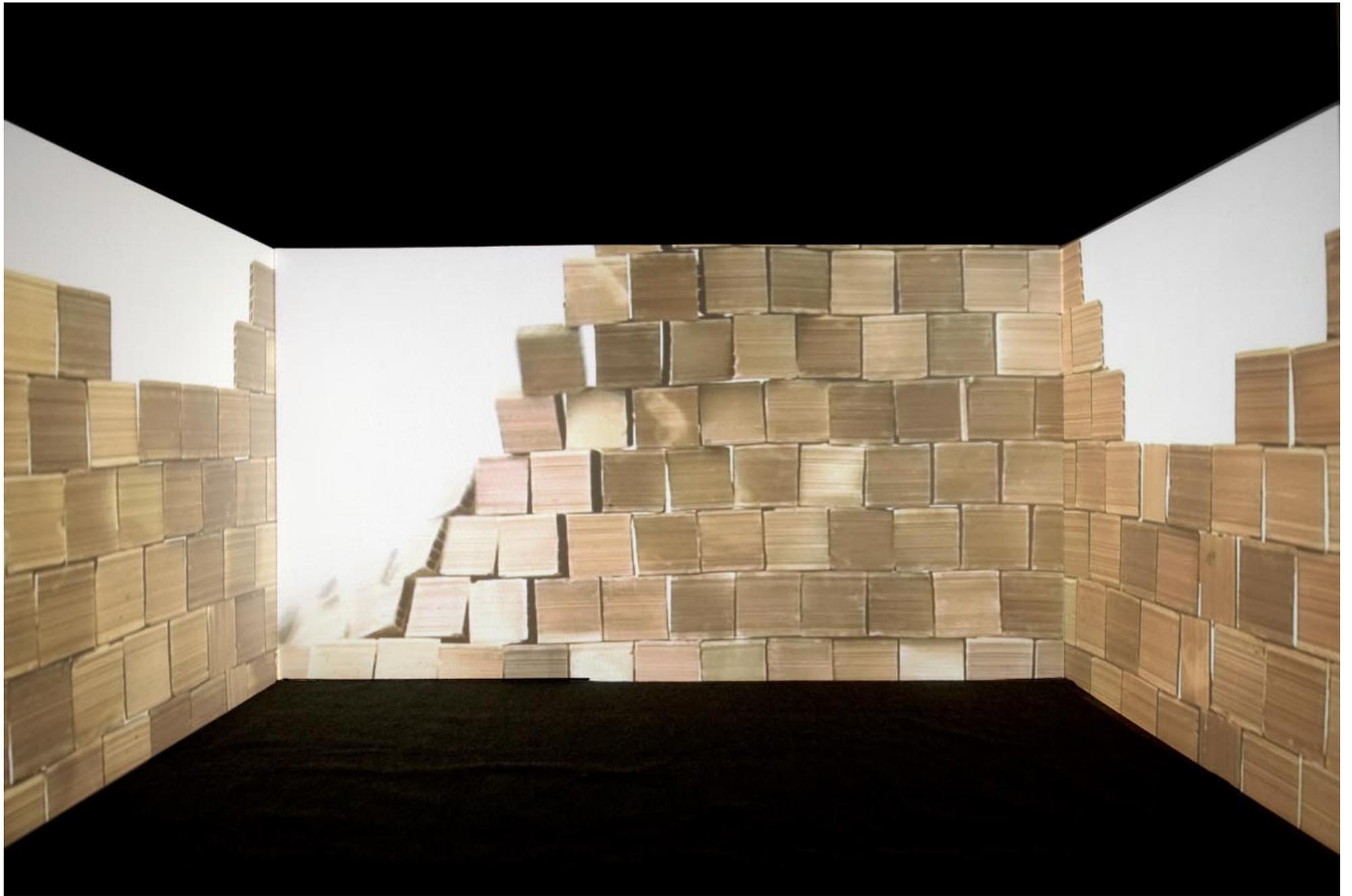
acrílico e blocos de concreto hexagonal
acrylic and concrete pavement blocks

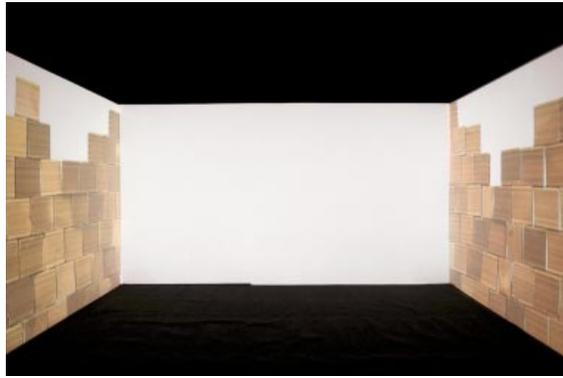
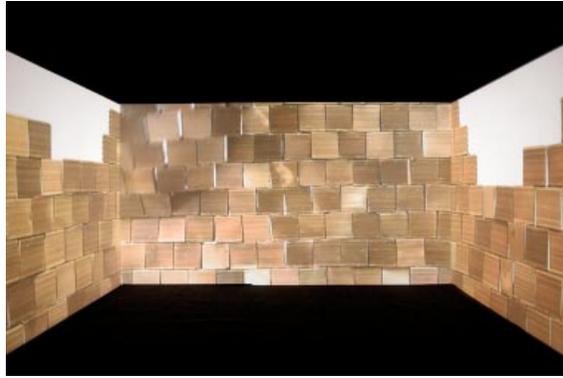
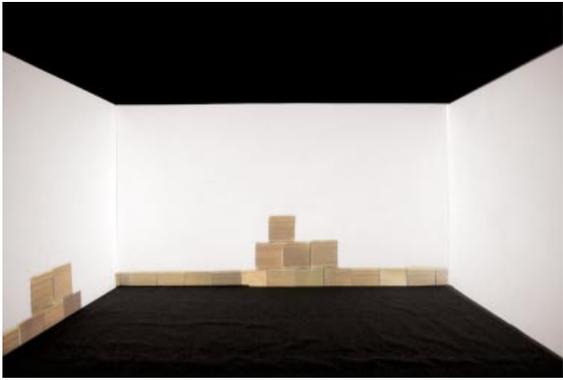


contra muro | *counter wall* | 2009

coleção instituto itaú cultural | são paulo

video instalação em 3 canais
three channel video-installation





rotatoria | *rotary* | 2003

nova arte nova | centro cultural banco do brasil | 2008

**estrutura em aço, policarbonato alveolar, esquadrias dealumínio e rodízios
*steel structure, alveolar polycarbonate, aluminum and wheels***





da série canteiro de obras | *from the construction site series* | 2006

temporada de projetos 2005-2006 | paço das artes | são paulo

coleção gilberto chateaubriand | museu de arte moderna do rio de janeiro

fotografia em duratrans sobre backlight
photography on duratrans over lightbox









pontes | *bridges* | 2006

vinil adesivo e acrilico
adhesive vinyl and acrylic





elevados | *elevated* | 2006

paço imperial | rio de janeiro

vinil adesivo sobre parede piso e teto
adhesive vinyl on walls, ceiling and floor





curriculum

Ana Holck
Rio de Janeiro | 1977
www.anaholck.com

formação | *education*

2006-2010 Doutoranda em Linguagens Visuais
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais | EBA/ UFRJ

2001-2003 Mestre em História
Programa de Pós Graduação em História Social da Cultura | PUC-Rio

1995-2000 Arquiteta e Urbanista,
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Universidade Federal do Rio Janeiro | FAU/ UFRJ

exposições individuais | *solo exhibitions*

2010 Bastidor, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro
Os Amigos da Gravura, Museu da Chácara do Céu, Rio de Janeiro

2006 *Notas sobre Obras*. Galeria Virgilio, São Paulo
Canteiro de Obras. Temporada de Projetos 2005/2006, Paço das Artes, São Paulo
Notas sobre Obras. Mercedes Viegas Arte Contemporanea, Rio de Janeiro

2005 *Elevados*. Paço Imperial, Rio de Janeiro

2004 *Quarteirão*. Centro Universitário Mariantonia, São Paulo
Estais. Galeria Virgilio, São Paulo

2003 *III Mostra do Programa de Exposições 2003*, Centro Cultural São Paulo
Transitante. Galeria Candido Portinari, UERJ

2001 Galeria da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, *Projeto 10d2001* - Rio de Janeiro

principais exposições coletivas | *selected group exhibitions*

- 2010** *Horizonte Construído*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
Desenhos e Diálogos, Anita Schwartz Galeria de Arte
Lugar Algum, SESC Pinheiros, São Paulo
O lugar da Linha, Temporada de Projetos 2010, Paço das Artes, São Paulo
Prêmio Funarte de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça, Museu de Arte Contemporânea de Niterói
- 2009** *Trilhas do Desejo: Rumos Artes Visuais 2008/2009*, Instituto Itaú Cultural, São Paulo e Paço imperial, Rio de Janeiro
Borderless Generation: Contemporary Art in Latin America, Korea Foundation, Seul, Coréia do Sul.
NOVA ARTE NOVA, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo
- 2008** *Arco 08_BRASIL*, 27 FERIA Internacional de Arte Contemporâneo, Madrid
Espaços Reversíveis, Museu Histórico de Santa Catarina-Palacio Cruz e Souza, Florianópolis
Arte Contemporânea e Patrimônio, Paço Imperial, Rio de Janeiro
- 2007** *Novas Aquisições 2006 2007 – Col. Gilberto Chateaubriand*, Museu de Arte Moderna- RJ
Prêmio Projéteis FUNARTE de Arte Contemporânea, Funarte, Rio de Janeiro
Universidarte XV, Galeria Especial, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro
- 2006** *25 Artistas*. Mercedes Viegas Arte Contemporânea, Rio de Janeiro
A Imagem do Som da Musica Popular Brasileira, Paço Imperial, Rio de Janeiro
Arquivo Geral, Centro Helio Oiticica, Rio de Janeiro
Paisagem Bruta, Galeria Virgilio, São Paulo
- 2005** *nmúltiplos*, Arte 21 Galeria, Rio de Janeiro
Educação, Olha!. A Gentil Carioca, Rio de Janeiro
10 indicam 10. Pequena Galeria. Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro
- 2004** *Projéteis de Arte Contemporânea*, FUNARTE, Rio de Janeiro
Posição 2004, Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro
- 2003** *INSOLA(R)ÇÕES*, Solar Grandjean de Montigny, PUC-Rio, Rio de Janeiro
Coletiva do Programa de Exposições 2003. Centro Cultural São Paulo, São Paulo
Espacios a La Experimentación II, Museo de Arte y Diseño Contemporáneo, San Jose, Costa Rica
- 2002** *Novísimos 2002*, Galeria do IBEU Copacabana, Rio de Janeiro
- 2001** *4º Prêmio Revelação de Artes Plásticas de Americana*. MAC, Americana, São Paulo
Orlândia I, Rio de Janeiro

prêmios e bolsas | *prizes and fellowships*

- 2009** *Prêmio Funarte de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça*
- 2007** *Prêmio Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro.*
- 2005** *Prêmio Projéteis Funarte de Arte Contemporânea, Rio de Janeiro*
- 2004-2005** *8º Programa de Bolsas RIOARTE*
Prefeitura do Município do Rio de Janeiro
- 2002** Menção Honrosa – *Novíssimos 2002*, Galeria IBEU Copacabana, Rio de Janeiro
- 2001-2003** Bolsa de Mestrado
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
- 2001** *Prêmio Paviflex*
Concurso nacional de formandos em arquitetura realizado pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil – São Paulo (IAB/ SP)
e *Fadamac*
- 2000** *Prêmio Arquiteto de Amanhã*
Instituto dos Arquitetos do Brasil – Rio de Janeiro (IAB/ RJ)

coleções públicas | *public collections*

Instituto Itaú Cultural, São Paulo
Museu de Arte Moderna de São Paulo
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro / Coleção Gilberto Chateaubriand.
Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo
Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Rio de Janeiro
Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro

artigos e criticas | *articles and reviews*

ARTES VISUAIS

Arquitetura e ocupação

Exposições interferem no espaço expositivo apresentando novas possibilidades de percepção

'Bastidor' e 'Projeto para o Palácio Capanema'
Ana Holck e Eduardo Coimbra

Marisa Flório

ARTES CRÍTICA Poderíamos pensar um projeto qualquer — de arquitetura ou de arte, de vida ou utópico — como um desenho do futuro, de algo que ainda não está. Desenhando-se na ausência, por uma imaginação prospectiva ou como um constructo fantasmático, projetar é também explicitar potencialidades, é existir ao menos como desejo. Como então preservar a potência do desejo que esboça horizontes, sem sucumbir à asfixia totalitária do controle, sem reduzi-lo a um único ponto de vista e fuga?

Dois mostras distintas, "Projeto para o Palácio Capanema" de Eduardo Coimbra, e "Bastidor", de Ana Holck, no CCBB, realizam interferências na arquitetura do espaço expositivo. São ocupações que, se colocam em evidência o campo de inscrição das obras em suas várias molduras — físicas e culturais, perceptivas e discursivas, políticas e ideológicas —, também reparam, de algum modo, a noção de projeto na atualidade.

"Projeto para o Palácio Capanema", de Coimbra, interfere no mezanino do marco da arquitetura moderna brasileira. Projetado por Niemeyer, Lúcio Costa, entre outros, o edifício segue os preceitos de Le Corbusier. Lá estão seus célebres "Cinco pontos da nova arquitetura": a planta livre, a fachada livre, os pilotis, o terraço-jardim e a janela em fita. Se a estrutura independente de vigas e pilares proporcionava a flexibilidade dos espaços internos, o edifício suspenso sobre pilotis transcendia a superfície da terra. Liberava-se do plano



Divulgação/Pat Kilgore



Divulgação

"BASTIDOR" (ao lado) e "Projeto para o Palácio Capanema": ocupação e apropriação das esquadrias do prédio

Estrutura e aparência, esqueleto e pele confundem-se. O tênue limite da "janela em fita", que reconciliaria o dentro e o fora, torna-se o esqueleto arqueológico de uma promessa que não se cumpriu. O espaço como campo neutro e homogêneo da grelha ideal é confrontado à sua própria ilusão, as estruturas ortogonais reproduzem-se sem desígnios. Se desenha algo é sua ausência. Se projeta algo é sua fantasmática. Se deseja algo, é proliferar as janelas para que horizontes se lancem livres e potentes.

Se Coimbra se apropria e desloca um elemento arquitetônico do edifício, as esquadrias, Ana Holck desloca para o espaço institucional um elemento arquitetônico das ruas: o bloco hexagonal de concreto que reveste as calçadas da cidade. Em ambos, podemos perceber a utilização de uma unidade industrial e repetida, o deslocamento de seus contextos usuais, os desvios de sua função. Não por acaso, a artista, ar-

passou, era um desígnio tão grandioso como aterrorizado, tão generoso quanto despótico, tão ocasião e lugar para a alteridade, desvios e diferenças.

Eduardo Coimbra reproduz as esquadrias das janelas e as instala no interior do prédio. Multiplica seu módulo e introjeta o espaço sobre si mesmo, em um labirinto de repetições e espelhamentos. Fragmenta sua extensão, turva sua percepção.

quiteta de formação, interferiu, em 2004, nas janelas do mesmo palácio cobrindo-as com películas de vinil adesivo de controle de luz solar ("Fuga"). Em ambos, são revolvidas as muitas camadas de sentido que noções como espaço ou lugar encerram: a filosofia e a física, a arquitetura e a arte reformulariam continuamente aquilo que o senso comum e o hábito convencionaram chamar de espaço ou lugar como algo familiar e já dado. Ou seja, a arte contemporânea trataria de explicitá-los cada vez mais como uma trama complexa e ampla de enunciações e percepções: arquitetônicas, ideológicas, culturais, políticas, etc. — limites móveis, no interior dos quais, muitas vezes, a obra se constitui e se debate.

Peso versus leveza

Em "Bastidor", os blocos de concreto adquirem massa e volume escultóricos. Desenterrados das ruas e empilhados na galeria, a aspereza e o peso de sua materialidade contrastam com a leveza branca do policarbonato aveolar. Material utilizado em vedações, ali ele é recordado, dobrado, vazado. Ora se ergue pelo espaço obstruindo o acesso visual e corpóreo, ora abre-se em tramas de hexágonos vazados, projetando na parede a sombra de seu desenho, de seu projeto, de seu desejo.

Interrogações que insistem: entre a idealização dos projetos e a contingência das percepções, entre a precisão do cálculo e a inflexão das circunstâncias, haveria brechas por onde desejos e horizontes pudessem se mover e respirar? Como evitar que a tensão desejante, que ativa as mudanças, converta-se em delírios de ordem? Como pensar o porvir sem a rigidez dos desígnios? Como acolher a incerteza de um talvez? ■

Ana Holck cria escultura para ser exposta no pescoço

Colar de latão integra mostra do projeto Amigos da Gravura, na **Chácara do Céu**



Divulgação

A ESCULTURA original que inspirou o colar (com Ana, na foto à direita)

Suzana Velasco

Para montar a maquete de uma de suas esculturas em grande escala, Ana Holck viu a possibilidade de os hexágonos articulados que criava se transformarem num colar. A maquete originou uma imensa obra em policarbonato e blocos de concreto. Mas, convidada para participar do projeto Amigos da Gravura, a artista viu a chance de tomar o sentido inverso: diminuir a escala e criar um objeto usável, transformando o espectador em usuário.

Ana apresenta a obra a partir de hoje, às 12h, no Museu da Chácara do Céu, cujo projeto está aberto a uma ideia ampliada de gravura, que abarque todas as possibilidades de múltiplos — no caso da artista, serão 50 exemplares, vendidos ao público por R\$ 850. A artista faz ainda intervenções em dois ambientes do museu, com esculturas em policarbonato, e expõe outras miniesculturas semelhantes ao colar — porém numa escala um pouco maior —, além de três obras da série “Torres”.

— As esculturas têm blocos de concreto hexagonais,

numa ligação com a arquitetura. O colar é uma leitura dessas esculturas, tem uma relação com a cidade, com o urbano, embora seja numa escala muito pequena. Ele é feito de latão, e o concreto foi substituído por uma pastilha de revestimento — conta Ana, que aos 33 anos é a mais jovem artista a participar do projeto. — Estava procurando não usar só materiais tão efêmeros, como o vinil, e o metal surgiu por meio da joia. O (crítico de arte)

Guilherme Bueno diz que é uma joia com materiais não nobres.

A artista está tão habituada com a grande escala que levou à joalheira Adriana Soares um projeto cerca de três vezes maior do que o

tamanho possível para um colar, que é articulado, para dar conforto a quem usá-lo. Já as esculturas são mais rígidas, não podem ser manipuladas, apesar de se acomodarem ao ambiente quando são mexidas. Uma delas se instala numa mesa de jantar montada, numa intervenção chamada por Ana de “Conviva”. A outra, na biblioteca, usa como contrapeso os elementos do espaço, como livros que pertencem a Castro Maya. ■

Divulgação/ Edouard Fraipont



Ana Holck reinventa o espaço com grades e pontes

Com olhar de arquiteta, jovem artista carioca expõe simultaneamente em individual na galeria Virgílio e em temporada coletiva no Paço das Artes

Nilton Fukuda/Folha Imagem

GABRIELA LONGMAN
DA REPORTAGEM LOCAL

Ana Holck estudou arquitetura já pensando em ser artista plástica. O trabalho com estruturas e espaços aparece com toda força em suas obras, expostas em individual na galeria Virgílio até o dia 16 e em mostra coletiva no Paço das Artes até 17 de setembro.

Jovem artista carioca, Holck trabalha especialmente com instalações. Utilizando-se de faixas de vinil adesivo, já construiu grandes "entrelaçamentos" em espaços como o Centro Cultural São Paulo e o Paço Imperial, no Rio. Atualmente, mostra sua série de sete "pontes", construídas com o mesmo material, em menores — e mais vendáveis — dimensões.

"A construção de uma ponte é união intensa entre engenharia e arquitetura; trata-se de vencer um vão" diz a artista, para quem as pontes não cabem na definição de escultura nem de maquetes, talvez por se situarem exatamente no meio de todas essas definições.

"Cada um que via o trabalho tentava defini-lo de uma forma diferente. Para mim, são pontes, objetos tridimensionais."

Tanto na galeria quanto na mostra coletiva do Paço, Holck expõe sua série fotográfica "Canteiro de Obras". Nela, a artista se aproveita de antigos cromos da construção de uma usina e, sobre as ampliações, desenha sistemas de grades. Uma vez feita a pintura, as imagens são refotografadas.

"Canteiro de Obras" recoloca

nossas contradições formadoras: a engenharia, o projeto e a dureza do ferro são justapostas à irregularidade, à fragilidade e à falta de apoio das linhas que artista desenha diretamente sobre as ampliações", escreve o crítico Cauê Alves em texto do catálogo.

Trajetos

Os trabalhos de Holck costumam ser pensados em função do espaço expositivo. No trabalho "Elevados" (2005), por exemplo, as faixas de vinil tinham as mesmas cores do teto e do piso do Paço Imperial, no Rio, onde a instalação foi realizada, criando uma experiência sensorial provocativa.

Para o crítico e curador Paulo Sérgio Duarte, "na confusão atual e seu turbilhão de imagens e sentidos lançados a torto e a direito junto às teias de subjetividades, as instalações de Holck são de uma clareza atroz — dura e rigorosa — e se impõem como o próprio real, não mais como uma realidade".

ANA HOLCK

Quando: de seg. a sex., das 10h às 19h; sáb., das 10h às 17h; até 16/9

Onde: galeria Virgílio (r. Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 426, SP, tel. 0/xx/11/3062-9446)

Quanto: entrada franca

TEMPORADA DE PROJETOS 2006

Quando: ter, a sex., das 11h30 às 19h; sáb. e dom., das 12h30 às 17h30; até 17/9

Onde: Paço das Artes (av. da Universidade, 1, SP, tel. 0/xx/11/3814-4832)

Quanto: grátis



A artista na galeria Virgílio, onde expõe suas "pontes"; esculturas são feitas em vinil e protegidas por uma caixa de acrílico

Galeria Virgílio prepara novo espaço artístico

DA REPORTAGEM LOCAL

Ao mesmo tempo em que expõe as pontes de Ana Holck e, no segundo andar, abriga uma individual do paulistano Marcus Vinícius, a galeria Virgílio trabalha para inaugurar um novo espaço artístico no início de outubro. Intitulado B—arco, o novo 'centro cultural' ocupa

um galpão de 400 m2 anexo à galeria e terá sua programação voltada especialmente às artes plásticas, teatro, performances e novas mídias.

O espaço —um casarão térreo— passou por uma grande reforma para receber o B—arco. Se uma das salas abrigará parte do acervo da galeria, outra receberá cursos, palestras e

ensaios teatrais.

A programação está sendo definida e ajustada, mas vários cursos — de pintura, desenho, fotografia, interpretação para cinema etc— já têm inscrições abertas e começam no início do próximo mês.

Além dos cursos e exposições, uma programação de debates já foi traçada. Inaugura a

série, no dia 2/10, um encontro entre Denise Stoklos e Gero Camilo. Gilberto Prado e Lucas Bambozzi é outra dupla que será reunida no espaço, em debate agendado para o dia 16 de outubro.

Mais informações sobre as atividades e cursos do B—arco podem ser obtidas pelo tel. 0/xx/11/3061-2999.

Teatro: **Laura Cardoso e Sérgio Britto** estrelam peça no CCBB • 2

SEGUNDO CADERNO

Cinema: **José Araújo** traz sertão pós-apocalíptico em novo filme • 10

QUINTA-FEIRA, 8 DE JUNHO DE 2006

Galeria de jovens

Artistas em início de carreira estreiam com individuais em espaços comerciais

Alexsandro Duarte
A artista plástica Ana Holck mostrava a montagem de sua exposição individual, na última terça-feira, na galeria Mercedes Viegas, quando Gilberto Chateaubriand veio de cartão na festa.

— Passou o dia? — disse, sorrindo, o colecionador, enquanto estava na galeria. — Não por curiosidade pessoal, cultural e colecionista.

Chateaubriand conheceu a artista no fim de 2005, quando ele visitou a exposição dela no Paço Imperial. Das pinturas coletivas com peças de Ana mais tarde, e ela acabou de inaugurar, ontem, sua primeira individual numa galeria de arte. O caminho percorrido por Ana Holck — e por seus colegas em vital e acrílico, parte das séries mostradas na Mercedes Viegas — é semelhante àquela que levou Odo Sulzbach até a galeria Laura Marçal, onde, desde a última semana, o gaúcho expõe trabalhos com resmas lidas de borracha. Conhecido uma pessoa que já viveu acerto na nova geração de artistas plásticos, Felipe Barbosa, com uma individual na Arte em Diálogo desde segunda-feira, também está nesta temporada de inaugurações das galerias da cidade (que inclui ainda Franklin Cascafo e sua coleção de obras vivas, no Artur Fridberg, e Mira Martins e sua estrutura de madeira, pintura e PVC, na Anna Maria Werneck).

A formação é de arquiteta e urbanista, e ela não largou o emprego na área. Faltam dois meses para a inauguração de sua obra, em "Pontes", outra série na Mercedes Viegas, de 10 dias.

— Tenho essa relação com o urbanismo e o engenharia, não só no cotidiano, mas também no trabalho artístico, como também questionando sua origem — afirma a artista, de 29 anos, cinco de carreira. — Em "Carteiro", desenho sobre fotografias de obras, logo logo das fotos, e posto em forma de book. Já esse desenho tem a ver com a foto de placa arquitetônica, uma um pouco diagrama aspecto de gráfico das plantas das cidades.

Para a série "Pontes", Ana levou o material de fabrico em vital adesivo, que ela já usava em suas instalações de arte adaptadas para o espaço comercial de uma galeria.

Não basta sentir uma instalação nessa mostra, até porque muitas instalações são descartáveis: são feitas de material adesivo — acrescenta a artista carioca, que lançou as lidas de vital, e o pó, em forma de ponte, descreva de vital, sua de acrílico.

A ex-aluna de Ide de Freitas, no Parque Lage, já expôs no Paço e na Funarte, entre outros centros. — Conheço a Mercedes Viegas das coletivas de que participei na galeria. Depois, ela ficou com peças minhas, pôs à venda e teve boa sorte. Daí, veio a ideia da individual. É o caminho natural das coisas.

Do ferro metal ao calor da borracha

— Odo Sulzbach trabalhou com metal por três anos. Até que conheci.

— Passou a querer o oposto dele, da sua rigidez, beleza e forma, e começou a pensar em madeira. Acabei chegando na borracha, opaca e quente — conta o gaúcho Sulzbach, que fez a exposição de estreia com sua nova matéria-prima na Casa de Cultura Maria Quaresma, para onde levou, em 2004, obras de borracha produzidas por cabos tensionados, também de borracha. — Uma indústria do novo não é um processo.



FELPE BARBOSA (ao lado) e o lado e o lado. "Deserto aquático", óleo, 2005. Sulzbach com sua biomorfa metálica, e Ana Holck com backlights e pontos de vital.

Na sua vida, a tal bilética que o artista plático, também com cinco anos de carreira, descobriu o que queria da vida, diz por dentro. — Vi uma resma de borracha, que formava algo parecido com uma rede, uma rede, e fiquei fascinado. A partir daí, passei a trabalhar com vários tipos de resmas de borracha — destaca o artista, que para a Laura Marçal trouxe "Cidade de borracha". — Ricardo realizou, e fiz o montagem em seus recortes.



Luiz Carlos

Salões e museus x galerias comerciais

— Também estive em muitas instalações no circuito de galerias. Sulzbach fez uma coletiva na Laura Marçal este ano, e crepusco o mercado no trabalho com salões e museus. — Na instalação e sua salões, se você tem um projeto para fazer, ou uma coletiva na qual se encontra, faz mais fácil: já há um caminho mais ou menos traçado que pode seguir. Tem muita gente interessada para o mercado comercial, que as poucas galerias boas que existem não conseguem abarcar.

Com uma carreira de cerca de dez anos, mas que, segundo o próprio artista, começou a acontecer só em 2003, Felipe Barbosa, de 29 anos, está na sua segunda individual em galeria no Rio. A primeira foi em 2004, na Laura Marçal, houve outra, em 2005, na Trilidade, em São Paulo.

— Para essa exposição na Arte em Diálogo ("Constituinte das pedras"), trouxe trabalhos feitos com o "Op 68", um papel recortado com o de 25 linhas de largura. O desenho dos pontos cria uma rede de ótica, como se fosse uma planta.

— Já trabalhei muito fora do circuito comercial, e também fora do circuito Rio-São Paulo, como no Rio de Janeiro. O trabalho vai se adaptando aos espaços. Mas você está ou não numa galeria também depende da natureza do seu trabalho: se você faz instalações, por exemplo, naturalmente terá uma obra mais adequada a certos espaços.

A exemplo da curadoria de Gilberto Chateaubriand lá do Sul, Laura Marçal conta que o importante é entender a natureza do trabalho, o que faz com que seja possível para lançar. — Injeção esse tipo de exposição, ou seja, aquela que não é feita. Foi como aqui, a Galeria Marçal, que teve sua primeira individual em galeria aqui, em 2007.

A coletar. ■



Sérgio Porto volta à cena

Os artistas plásticos iniciantes do Rio passaram uma noite pensando manter o perfil de inovadores de novos nomes de arte, a Ana que era das galerias do Espaço Cultural Sérgio Porto reabriu, agora com Galeria Mercadinho Viegas. A última mostra no local ocorreu no fim de 2005.

Como exposições de estreia, o Sérgio Porto trouxe "Figuras" e "Vespúlio", sua mostra do acervo do novo patrono.

— Há peças dos anos 80 e 90, que dão uma ideia de diversidade dessa coleção. Em "Vespúlio", as obras estão contradas no corpo, ou na superfície dele. "Figuras" mostra a representação do espaço pelos artistas contemporâneos, ou dentro da abstração da arte moderna — conta o curador, Moura dos Anjos. — A galeria entrou em sua vocação de abrigar o novo, o jovem. É o espírito da coleção de Viegas.

A responsável pela galeria, Rubia Alencastro, diz que a ideia inicial é fazer mais cinco mostras este ano.

ARTES PLÁSTICAS ■ Depois de mostra no Paço, Ana Holck expõe na Gávea

FOTOS DE WILTON MONTENEGRO/DIVULGAÇÃO



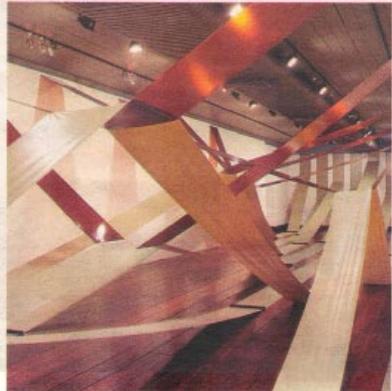
Uma das cinco esculturas de fita adesiva em redoma de vidro expostas na Mercedes Viegas, na Gávea

Conceitos da arquitetura na construção de pontes de fita

Bianca Tinoco

A palavra obra ganha uma definição dupla quando o trabalho de arte em questão é o de Ana Holck. Aos 29 anos, ela é uma exploradora do espaço por profissão — formou-se em arquitetura em 2001, desde o início com propósito de aplicar os conhecimentos em sua abordagem estética. Ana não assinou prédios, mas inaugura hoje na galeria Mercedes Viegas Arte Contemporânea, na Gávea, a série inédita Pontes. Esculturas de fita adesiva em redoma de vidro, as cinco peças subvertem os conceitos da construção civil em nome de outra: a construção poética.

As Pontes não são a primeira incursão sui generis da artista na malha viária. De novembro de 2005 até janeiro passado, Ana expôs no Paço Imperial, no Centro do Rio, a instalação Elevados, com a qual ocupou uma sala inteira. Composta de fitas suspensas, a obra sustentava descobertas agora aplicadas nas es-



As obras seguem o raciocínio de "Elevados", exibida no Paço

culturas de pequeno porte.

— No início, me senti elaborando vários trabalhos simultaneamente, como se o pensasse em grandes dimensões — conta Ana, uma das contempladas com o Prêmio

Funarte de Arte Contemporânea. — Com o tempo criei uma dinâmica de ateliê, o que acelerou os projetos.

Ana Holck propõe as Pontes de modo similar a uma obra arquitetônica, porém

mais efêmera — o que as diferencia das maquetes criadas para intervenções.

— As Pontes são pensadas para espaços ideais, mas trazem questões que podem ser conciliadas em futuras intervenções espaciais — diz Ana. — As instalações grandes trazem ideias para as obras pequenas e vice-versa.

O embate com os projetos arquitetônicos e com a impossibilidade de controle absoluto em sua realização é uma das pontes comuns aos oito backlights da série Carteiro de obras. Sobre fotografias de uma usina em construção, a artista riscou linhas retas cruzadas, malhas encobrendo o concreto da obra.

— Desde os estudos iniciais de arquitetura, todo projeto passa por uma grade, que serve de ordenação para o planejamento — explica ela. — Ao serem executadas, as ideias tomam forma rígida. O trabalhar sobre elas coloca em dúvida até que ponto a imaginação lhes pode ser restituída.

Teatro: Grupo
bota 'Romeu e
Julietta' no cenário
do tráfico • 2

SEGUNDO CADERNO

Cinema: Para
diretor de 'Shrek',
heróis vão ter
novo perfil • 6

SEXTA-FEIRA, 6 DE JANEIRO DE 2006

Arte renovada

Seis artistas da nova geração discutem sobre arte e o papel de museus e galerias

Suzana Vianna

Eles são jovens e não artistas. Mas não seria apropriado chamá-los de jovens artistas. Melhor dizer que eles são criativos. E têm todos menos de 30 anos. Jovens, portanto. Muito jovens. Em coreografia no Pampas Lage, ou seja, agora fazem os bastidores curtos ou longos e suas obras como referência de uma importante escola de artes visuais. Ana Hóck, Laura Eber, Mariana Manhães, Mathias e Thiago Rocha Pitta e Bruno Lyra conversam sobre arte, galeria, incentivos públicos e planos em 2006. E, apesar de jovens, ou até por isso mesmo, estão muito o que falar em sua curta trajetória. O que é mais óbvio nessa geração é a diversidade das obras que utilizam: instalação, intervenção urbana, vídeo, fotografia e até o boneco velho pintado. Apesar de muitos terem começado desenhando, como Mariana,

Ata e Laura, eles deixam claro — pela obra e pelo discurso — que seu artista hoje em dia vai muito além de listas, tela e papel. — Nunca achéi que fosse ser artista porque não tenho habilidade manual. Sempre fui muito tímido com a mão. Comecei a trabalhar num estúdio de logomarca e quando vi lá estava produzindo — conta Mathias Rocha Pitta, que um dia ligou para o fotógrafo e artista plástico Miguel Rio Branco e perguntou se ele precisava de um assistente. — Era lá vi que poderia ser artista sem as mãos. Para sua primeira individual, "Drive-In", Mathias, no início que aos 25 anos já tem obras no acervo do colecionador Gilberto Chateaubriand e do fotógrafo peruano Mario Testino, criou um circuito que liga a galeria ao estacionamento do shopping de arquitetura onde fica e November. Rodas abertas em Copacabana, a galeria estará um vídeo da garagem, como se cinema estivesse dentro de um carro.

Complicado? Talvez seja ao se tentar explicar o que é o trabalho. Os artistas hoje têm que lidar com o rótulo da "arte contemporânea", muitas vezes criticada como o espaço em que tudo pode. Mas esse sentido convencional, de que, apesar dos meios variados, o essencial é a sensibilidade de cada um. — Já tive opiniões retorcidas do público leigo. A arte moderna pode ser muito mais heroica. Estender um Moinho é bem mais difícil — diz Mathias. **Espaço para obras perenes** • Laura é um exemplo claro dessa liberdade. Formada em literatura, tem um livro de poemas, "Tiaos" ("Leitões"), ganhou um prêmio da Nova Fronteira em adaptação. Catarina Rosa para vídeo foi escritora realmente com base em Stuttgart, na Alemanha. Em agosto, ela também expõe na galeria November, que nasceu apos-

tando em novos nomes. — Vivemos num contexto em que as divisões não fazem mais sentido. E por isso mesmo o que se torna um desafio é a capacidade de articulação — diz ela, que aos 28 anos acaba de participar da 3ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre. — Em nome da "arte contemporânea" se faz de tudo. Há uma tentação de se aproximar do arte. E isso tem o retorno do público leigo, desde que os espaços não se transformem em pinguete de diversões. Para Thiago Rocha Pitta, irmão gêmeo de Mathias, esse olhar meio de lado para a arte contemporânea se deve a um inchaço de artistas — ou à facilidade com que hoje em dia se diz ser "artista". Ele acredita que para geração anterior era mais difícil fazer da arte uma profissão. — Hoje, ser artista acabou virando um bichinho. Ao lado de Mathias, Thiago expõe até o próximo domingo em "Além da Imagem", no Centro Cultural Te-

lizar. Como um dos vencedores do Prêmio CNB São Marcelino Nogueira do ano passado, ele expõe em São Paulo, no Ita desde mês que vem para o Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), no Rio, e depois vai para Porto Alegre, Belo e Recife. No segundo semestre, terá em sua galeria, a Gênesis Cartão, um trabalho de uma só noite. Ali, Thiago diz que vai "constituir um livro". Para outras gerações, talvez seja melhor pensar numa galeria, sentido do circuito comercial de arte, abrir espaço para uma obra perene. — Não existe obra comercial. Existem obra boa e obra ruim, tendo mais liberdade na minha galeria para fazer algo não vendável. Já levei três coisas de multidões, e o marketing cultural indica que o artista fique de paratropia para não receber cachê. No Brasil se acha que o museu é um altar e estamos fazendo-lover — diz Laura. Thiago também expõe na última Bienal do Mercosul. Continua no página 2



MATHIAS ROCHA PITA e um registro de "Drive-In", a partir de 14 de novembro

MARIANA MANHÃES e sua obra "Revisão conceitual", Prêmio Chateaubriand

ANA HÓCK e o trabalho "Elevação" no Paço Imperial até 25 de janeiro

THIAGO ROCHA PITA e o vídeo "Forma que se torna invisível" em 2004

BRUNO LYRA e obra exposta até 20 de janeiro na Espaço República: pintura com laços de grife

LAURA EBER e obra de vídeo: instalação "Mergulho" que foi para a Fundação Nita em setembro